



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

BEATRIZ SILVA DO NASCIMENTO

**O USO DA ARTE NO TRABALHO DO
TERAPEUTA OCUPACIONAL:
Uma revisão integrativa da literatura**

Brasília - DF

2018

BEATRIZ SILVA DO NASCIMENTO

**O USO DA ARTE NO TRABALHO DO
TERAPEUTA OCUPACIONAL:
Uma revisão integrativa da literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Terapia Ocupacional

Professora Orientadora: Dra. Grasielle Silveira Tavares
Paulin

Brasília – DF

2018

BEATRIZ SILVA DO NASCIMENTO

**O USO DA ARTE NO TRABALHO DO
TERAPEUTA OCUPACIONAL:
Uma revisão integrativa da literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília - Faculdade de Ceilândia
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Terapia Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Grasielle Silveira Tavares Paulin

Orientador(a)

Ms. Claudia Franco Monteiro.

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Aprovado em:

Brasília,.....de.....de.....

**O USO DA ARTE NO TRABALHO DO
TERAPEUTA OCUPACIONAL:
Uma revisão integrativa da literatura**

**THE USE OF ART IN THE WORK OF THE
OCCUPATIONAL THERAPIST:
An integrative literature review**

Beatriz Silva do Nascimento, graduanda de Terapia Ocupacional da Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia – UNB, Brasília, DF, Brasil. Email: beatriz_nascimen.to@outlook.com;

Grasielle Silveira Tavares Paulin, Terapeuta Ocupacional, Doutora em Enfermagem em saúde pública da Universidade de São Paulo. Docente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia - UNB, Brasília, DF, Brasil. Email: grasielle@yahoo.com.br.

Contato: Grasielle Silveira Tavares Paulin, Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia (Centro Metropolitano, conjunto A, lote 01, Brasília - DF. CEP: 72220-275). Email: grasiellet@yahoo.com.br.

Fonte de Financiamento: O trabalho não recebeu financiamento.

Contribuição dos autores: Beatriz Silva do Nascimento: Participou da concepção do projeto de pesquisa, redigiu o texto, coletou e analisou os dados. **Grasielle Silveira Tavares Paulin:** Participou da concepção do projeto de pesquisa, orientou o desenvolvimento do projeto, redigiu o texto e realizou a revisão do texto.

Resumo:

Introdução: A Terapia Ocupacional brasileira tem usado com frequência, recursos artísticos nas suas intervenções e os estudos sobre este tema têm relatado a sua efetividade. **Objetivo:** Este estudo teve como objetivo entender o uso da arte no trabalho do terapeuta ocupacional com base as produções científicas. **Metodologia:** Revisão integrativa da literatura usando as bases de dados Medline, CAPES e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e consulta a revistas não indexadas: Revista de Terapia Ocupacional da Galícia, Revista Ocupación Humana, Revista Argentina de Terapia Ocupacional e a Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional. Utilizando os seguintes descritores: arte, terapia ocupacional, terapia pela arte e corpo; abrangendo o período de 2000 à 2018. **Resultados:** Há predomínio de intervenções que utilizam abordagens corporais, das artes cênicas e das artes plásticas. Os Terapeutas Ocupacionais, por meio da arte, abordaram os seguintes aspectos: despoticização de emoções, estimulação das criatividades, aumento da sensibilidade do indivíduo ou grupo, favorecimento da afirmação de vida, reconstrução de identidade, protagonismo do indivíduo, motivação pessoal/grupal, fortalecimento de redes sociais e alívio do sofrimento vivido. **Conclusão:** Os Terapeutas Ocupacionais devem, explorar as possibilidades do uso do recurso artístico, buscando entender e estudar suas bases teóricas.

Palavras-Chave: Terapia Ocupacional, arte, terapia pela arte, corpo.

Abstract:

Introduction: Brazilian Occupational Therapy has frequently used artistic resources in its interventions. Studies on this topic have reported its effectiveness and effectiveness. **Objective:** This study aimed to understand the use of art in the work of the occupational therapist based on scientific productions. **Method:** Integrative literature review using the Medline, CAPES, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) and query in journals without indexing: Journal of Occupational of Galicia, Revista de Terapia Ocupacional de Galicia, Journal Occupational Therapy, Argentine Journal of Occupational Therapy, and the Brazilian Interinstitucional Journal of Occupational Therapy. Using the following descriptors: art, ocupacional therapy, art therapy and body, covering the period 2000 to 2018. **Results:** There is a predominance of interventions that use body approaches, the performing arts and the plastic arts Occupational Therapists, using art, addressed the following aspects: depotentialization of emotions, stimulation of creativity, increased sensitivity of the individual or group, favoring the affirmation of life, reconstruction of identity, protagonism of the

individual, personal / group motivation, strengthening of social networks and alleviation of the suffering experienced. Conclusion: Occupational Therapists should explore the possibilities of using the artistic resource, seeking to understand and study their theoretical bases.

Keywords: Occupational Therapy, art, art therapy, body.

Introdução

Constantemente observa-se que os terapeutas ocupacionais utilizam em sua prática profissional as atividades artísticas para intervir com as diversas populações. Arcuri (2004) nos diz que a arte é uma linguagem que permite o acesso à alma e é um meio para compreendê-la. Ela leva o indivíduo à concretização das suas necessidades interiores e mais subjetivas de si. A arte funciona como uma forma de auto-reconhecimento das suas dinâmicas pessoais, que possibilita acessar a criatividade e reconciliar conflitos emocionais e alcançar desenvolvimento pessoal.

A arte e as suas ferramentas expressivas, verbais, plásticas e corporais propiciam o cruzamento entre o mundo humano e o mundo transumano, do qual surgem rotas de fugas, transformação das formas estabelecidas atualmente e criação do novo (LIMA, 2004). “Na Terapia Ocupacional, as atividades artísticas assumem um importante lugar, pois se apresentam como um sistema de ampliação e potencialização de possibilidades, que se transformam em autoconhecimento e aprofundam a experiência do viver” (DE CASTRO; DE MELO SILVA, 2002, p. 7).

A psiquiatra, Nise da Silveira, ao trabalhar no setor de terapêutica ocupacional de um hospital psiquiátrico na década de 40, iniciou o trabalho com atividades artísticas por acreditar no seu potencial de mudança de realidade, de meio de expressão e de combate a um contexto adoecedor, para tanto, Nise passou a se dedicar, a estudar as teorias de Carl Jung com objetivo de basear suas práticas e entender as ressonâncias que delas surgiriam (DE ALMEIDA, 2010).

Assim como Nise da Silveira, os Terapeutas Ocupacionais devem basear as suas práticas, em estudos persistentes e de qualidades. Uma intervenção em qualquer área de conhecimento deve ter fundamentação teórica para ser realizada, e isso se faz ainda mais importante quando essas áreas de conhecimentos lidam diretamente com seres humanos, que é o caso da Terapia Ocupacional. Lima (2004) refere que o uso da arte é:

[...] marcada pela experimentação, mas também pela seriedade na forma como são pensadas e realizadas as atividades; pautada na busca de parâmetros éticos e estéticos que a orientem, e na construção de um campo interdisciplinar que acolhe e se beneficia da presença de diferentes profissionais da saúde e de outras áreas, em especial do campo das artes (LIMA, 2004, p. 14).

Verifica-se a necessidade de investigar o que se tem publicado hoje na interface da arte e terapia ocupacional, quais são os autores que realizam estes estudos, os conceitos, as técnicas utilizadas e os referenciais que fundamentam suas práticas. Desta forma, este trabalho possui como objetivo entender o uso da arte no trabalho do terapeuta ocupacional e com essa finalidade, busca identificar os estudos atuais que abordam esse tema visando sistematizar esse conhecimento e apresentando as principais características que esses estudos têm identificado.

Métodos

Pretendeu-se com a revisão integrativa de literatura identificar o conhecimento produzido sobre o uso da arte no trabalho da Terapia Ocupacional. O uso da metodologia escolhida permitiu realizar uma síntese dos estudos publicados e elencar conclusões gerais a respeito desta temática (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

O período delimitado para essa revisão integrativa foi de 2008 a 2018. Foram selecionadas publicações das seguintes bases de dados: Medline, Portal Capes e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS, consultando a base Lilacs e Scielo); além destas também foram consultadas as seguintes revistas de Terapia Ocupacional que não se encontram indexadas: Revista de Terapia Ocupacional da Galícia, Revista Ocupación Humana, Revista Argentina de Terapia Ocupacional e Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional (Revisbrato).

Foram utilizados os seguintes descritores combinados com operadores booleanos “AND”: arte, terapia ocupacional, terapia pela arte e corpo, foram aplicados isolados e combinados entre si. Todos os descritores foram consultados na plataforma de Descritores em Ciência da Saúde (DeCS). Durante as buscas, foram utilizados mecanismo de filtro, além de ter sido usado os mesmos descritores também na língua inglesa (occupational therapy, art, body e art therapy).

Como critérios de inclusão, foram escolhidas publicações que estivessem disponíveis na íntegra, que comportassem o período pré-estabelecido e que estivessem no idioma; português, inglês ou espanhol. Os critérios de exclusão foram: publicações que não tivessem terapeutas ocupacionais como autores, publicações que não possuíam ‘terapia ocupacional’ nas suas palavras-chaves e que utilizavam o termo ‘arte’ em sentido conotativo.

Houve situação em que um artigo possuía todos os critérios de inclusão e que ao ser feito análise identificou-se que o conteúdo do material estava dentro da temática da pesquisa, porém não havia ‘terapia ocupacional’ nas suas palavras-chaves/descriptores. Neste caso optou-se por incluir o artigo na revisão integrativa.

Com a utilização dos termos de busca citados e a exclusão das publicações repetidas, foram selecionados 41 artigos, sendo: 18 da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), 15 do Portal Capes, 1 Revista Argentina de Terapia Ocupacional, 5 da Revista de Terapia Ocupacional Galicia e 2 Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional (Revisbrato). Não houveram achados que correspondesse aos critérios de inclusão da Revista Ocupación Humana. 27

Resultados

A escrita deste trabalho está revestida de muitas significações e sentidos que entrelaçam o percurso das pesquisadoras no desejo de desvendar, conhecer e se apropriar do caminho da terapia ocupacional e sua interface com a arte. Desta forma após a leitura dos artigos selecionados foram criadas quatro categorias que buscam refletir sobre a importância das produções existentes.

Descobrimo o fio condutor: cenário, personagens e reflexões

Esta categoria busca compreender a narrativa do percurso histórico que contribuiu para que a arte e a Terapia Ocupacional pudessem produzir interfaces na construção de conhecimento. Nos textos selecionados são narrados os diferentes modelos que durante a história brasileira contribuíram para a Terapia Ocupacional, notou-se desde o tratamento moral, o modelo positivista, o modelo humanista, o materialista histórico até a chegada do modelo biopsicossocial. Os autores encontrados serão aqui chamados de personagens que contribuíram para o cenário construído até o momento.

Nas narrativas, muitos personagens que foram citados, não são especificamente profissionais da área da Terapia Ocupacional, são psiquiatras ou críticos da arte, porém as

suas práticas ocasionaram grande influência sobre a arte como ferramenta no trabalho do Terapeuta Ocupacional. São trazidos nos artigos personagens como: Osório César, Nise da Silveira e Mário Pedrosa.

Osório César foi um médico psiquiatra e crítico da arte, durante a década de 1920, ele introduziu a arte na concepção da laborterapia, onde ele objetivava uma profissionalização da arte para os seus pacientes, ela seria uma alternativa de mudança de realidade e socialização do indivíduo, nessa concepção o produto final possuía um protagonismo.

Nise da Silveira, médica psiquiatra, começou a trabalhar na área de terapêutica ocupacional na década de 1940 em oposição aos procedimentos médicos que a mesma discordava do uso. Passou a usar a arte para acessar o inconsciente e permitir a expressão dos seus pacientes. Para ela a arte produz símbolos e o que importa não é seu produto final, mas o processo vivido e experimentado durante sua construção.

Por volta de 1950, Nise passou a dialogar com Jung enquanto atuava na terapêutica ocupacional. Entendeu que Jung trás o uso da imaginação como principal função da psique, que o produto artístico apresentado por símbolos funcionam como fotografia do inconsciente e o efeito curativo das atividades artísticas são efetivos, percebendo isso Nise passou a incorporar esses conceitos na sua prática e autoanálise clínica no setor de Terapia Ocupacional.

Parceiro de Nise, Mário Pedrosa admirou o trabalho realizado por ela e considerou o seu feito como acontecimento importante no âmbito artístico e cultural brasileiro. Como crítico da arte, entendeu que a mesma não se restringe apenas para indivíduos que seguem leis estratificadas do âmbito artístico, pois antes disso a arte possui um caráter identificado por ele como universal e quando o processo do inconsciente humano é expresso, temos o que ele chama de arte virgem.

Posteriormente, após contextualização desse trajeto histórico relatado pelos autores, são trazidas algumas perspectivas sobre arte pela ótica de diferentes produções. Alguns entendem que a arte existe em conjunto com a humanidade, que não é só fruto de experiências vividas, mas pode ser mecanismo de criação de novas realidades. Existe como um elemento que liga o mundo interno e externo do indivíduo e que gera vitalidade.

Na terapia ocupacional encontramos a contribuição de vários autores como: Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima, Eliane Dias de Castro e Marcus Vinicius Machado de Almeida.

Para esses autores, a arte não resulta um produto final estático e invariável, pelo contrário, ela sempre sofre constantes mudanças e o processo pelo qual é feita não é um processo considerado absoluto.

Para eles o fazer artístico é um processo de expressão, por meio dele é possível acessar conteúdos dos indivíduos que não conseguem fluir através da verbalização e isso a torna um recurso terapêutico adequado para ser usado na prática, seu uso não está voltado para necessariamente remissão dos sintomas, mas para processos de vida e de criação. “A arte, por natureza, é desalienante, é um instrumento para conhecer-se e conhecer a realidade; nesse sentido ela é ‘terapêutica’ e, por natureza ‘profilática’” (DE CASTRO; DE MELO SILVA, 2002 p. 8).

O uso da arte pelos terapeutas ocupacionais trona-se uma ferramenta valiosa para a intervenção e ressignificação do cotidiano da população, pois nos deparamos com uma enorme diversidade cultural associada às dificuldades de expressão e comunicação dos indivíduos em suas atividades.

Na perspectiva da Terapia Ocupacional, “o conhecimento dos componentes intrínsecos da atividade artística é essencial quando o terapeuta faz uso deste recurso. Resgatar a unidade nas atividades dos sujeitos parece ser fundamental nos processos de restabelecimento da saúde“ (CASTRO; DE MELO SILVA, 2002 p. 5).

Nas produções destacam-se as ressonâncias da arte em vários componentes do indivíduo, componentes da esfera social, política, cultural, psíquica e espiritual. As ressonâncias mais encontradas nos indivíduos ao ser feito o uso deste recurso artístico, tanto em intervenções individuais quanto em intervenções grupais se resumem na despotencialização de emoções, na estimulação das criatividade, no aumento da sensibilidade do indivíduo ou grupo, no favorecimento da afirmação de vida, na reconstrução de identidade, no protagonismo do indivíduo, na motivação pessoal/grupal, no fortalecimento de redes sociais e no alívio do sofrimento vivido.

Foi identificado nessa pesquisa, que grande parte dos artigos que fazem o uso da arte, irão abordar experiências clínicas usando dança, teatro, artes plásticas e abordagens corporais. Há muitos artigos que relatam experiências clínicas e a maioria desses fazem parte do Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional (PACTO). Este programa foi criado pela terapeuta ocupacional Eliane Dias de Castro da Universidade de São

Paulo, é objeto de muitos artigos científicos encontrados nesta pesquisa, suas principais autoras são a Eliane Castro e a Elizabeth Lima. O público alvo de intervenção desse projeto são populações em situação de vulnerabilidade social e os recursos artísticos abordados incluem a dança, a música, teatro, pinturas, desenhos, criação de textos, de objetos, escultura, desenho, pinturas entre outros.

Além disso, houve um número significativo de artigos que relatam o uso das artes cênicas por Terapeutas Ocupacionais, artigos esses brasileiros e espanhóis. Esses profissionais utilizam de dois grandes autores para embasar suas práticas, são eles: Viola Spolin e Augusto Boal, que serão abordados mais adiante.

Abordagens corporais e artes plásticas, também foram muito abordadas pelos achados desta pesquisa, elas incluem artes gráficas, escultura, artesanato artístico, instalações e trabalhos com pinturas. Por fim, ainda apareceram nos artigos, pontuais trabalhos envolvendo a dança, música, canto, artes visuais e também acesso à cultura.

A seguir iremos dedicar três sessões para discorrer especificamente ao uso das artes cênicas, artes plásticas e abordagem corporal, respectivamente. Tendo em vistas que esses três recursos foram mais presentes nos artigos levantados nessa pesquisa.

Através das cenas: o interno e o externo por meio do corpo

A arte cênica é composta por diferentes linguagens e veio se estruturando de diversas formas ao longo da história. O que fez ela se constituir no que conhecemos dela hoje são as necessidades que essa arte tem de comunicar-se, de representar o mundo, ritualística, de sentido da vida, da catarse entre outros (TOURINHO; SILVA, 2009).

Atualmente essas linguagens que compõem a arte cênica são “voltadas para o jogo performativo, compondo-se de espetáculos de dança e de música, de mímica, de apresentações teatrais, de happenings, de óperas, entre outras possibilidades” (REIS BIANCALANA, 2011, p.130).

Para tanto, identificando que houve grande predomínio das linguagens das artes cênicas na atuação do Terapeuta Ocupacional, essa sessão abordará exclusivamente duas linguagens das artes cênicas que apareceram nos artigos selecionados para esta pesquisa, são elas o teatro e a dança.

Nos artigos encontrados relacionados a esta sessão inclui-se somente o uso da dança e do teatro. Ao todo foram 11 achados de 4 revistas distintas, sendo uma dessas revistas da Espanha (3 artigos) e as demais são revistas brasileiras. Houve predomínio de estudos brasileiros, somando oito ao todo.

Muitas técnicas específicas foram adotadas pelos terapeutas ocupacionais que buscaram seu embasamento teórico nos autores Augusto Pinto Boal, com o teatro do oprimido; Viola Spolin com os jogos teatrais, Jacob Levy Moreno com o Teatro do Espontâneo e Flávia Liberman com trabalhos envolvendo a dança. Esses autores não são usados como base de forma individual, nos artigos encontrados, sempre há o uso de dois ou mais desses citados.

Augusto Boal contribui muito para o fazer teatral com sua técnica do “O Teatro do Oprimido”, um teatro que ele revela como sendo libertador, que é capaz de libertar o espectador da sua passividade de vida, da sua condição de testemunha, tornando-o ativo na sua experiência, um verdadeiro protagonista desse fenômeno (BOAL, 1991). O uso dessa técnica, na prática dos terapeutas ocupacionais, teve como objetivo trabalhar situações de opressões vividas pelo seu público-alvo, trazer discussões sobre os problemas do cotidiano de cada um, buscando um maior autoconhecimento e nova percepção da realidade dos participantes, para promover, ao final, uma transformação social na autonomia e emancipação dos sujeitos.

Na prática clínica da Terapia Ocupacional, outro autor se faz presente, Jacob Levy Moreno, com o ‘Teatro do Espontâneo’, que direciona o teatro como detentor de um componente muito importante, a espontaneidade, componente esse que transforma a potência do indivíduo, a criatividade e a capacidade de transformação de quem o experimentam, através da afetividade do papel/atividade teatral e de quem o interpreta.

Entende-se como espontaneidade a capacidade que opera no aqui e agora, propelindo o indivíduo a dar uma resposta adequada a uma nova situação ou uma resposta nova e também adequada para uma situação já conhecida, e no âmbito da terapia ocupacional, o uso deste referencial teórico contribuiu para que o sujeito pudesse perceber “sua potência de transformação, criatividade, e capacidade de transcender os limites que se impõe sobre ele.” (JUSTA; DE HOLANDA, 2002, p.18) conseguindo conduzir suas atividades cotidianas com pertencimento e significado.

Viola Spolin, aparece nos estudos pelo seu trabalho dos Jogos Teatrais, a base desses jogos se dá pelo princípio da interação. Ela nos diz que esses jogos são baseados nos problemas que devem ser resolvidos pelos participantes e que através do envolvimento dos mesmos, muitas habilidades pessoais são desenvolvidas e afloradas (SPOLIN, 2004).

Nos trabalhos que compõem este estudo verificou-se que o uso do teatro e dança como ferramenta de intervenção do terapeuta ocupacional abordaram populações em vulnerabilidade social e que apresentavam dificuldades na realização de atividades nas quais sofriam fortes influências do contexto e através dos jogos teatrais, essas situações foram trabalhadas e houve a facilitação e mediação para que o indivíduo encontrasse soluções de enfrentamentos, transformando assim muitas realidades.

Em relação aos referenciais de terapeutas ocupacionais, Flávia Liberman, trouxe contribuições por meio da dança para trabalhar com as subjetividades. A dança possibilita acessar as linguagens do próprio corpo, configurando-se como meio de viabilização do processo de consciência, da expressão e da criação do sujeito (LIBERMAN, 1998).

Foi identificado no material encontrado, que o teatro e a dança são abordados sempre em atividades grupais. Tendo um público alvo amplo, abrangendo desde crianças até idosos. Em relação ao local em que os estudos aconteceram, notou-se algumas experiências em instituições de longa permanência, com idosos; serviço de residências terapêuticas e centro dia, com pessoas com transtornos mentais; um hospital escola da Espanha, com crianças; instituição filantrópicas, unidades de saúde, e o próprio território, com adolescentes.

Principalmente nos estudos que tinham como foco a abordagem grupal, foi observado que o uso do teatro e da dança, contribuiu para o aumento do apoio social entre os participantes, trocas de afetos, trocas de ajudas e de conselhos, resultando assim em promoção da sociabilização, superações de obstáculos, alívio de tensões psicológicas e participação social.

Quando a prática da terapia ocupacional está em contexto social, termos como injustiça ocupacional, apartheid ocupacional, marginalização e outras variações, o uso do teatro e da música se fazem presentes com o objetivo de minimizar ou cessar os efeitos por eles causados. Ao analisar os artigos que abordam essas realidades, identificou-se que o público alvo é composto basicamente por jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social, populações como adolescentes moradores de territórios marginalizados, expostos à

vários tipos de violência, pessoas com deficiência sofrendo pela exclusão social e pessoas em situação de rua que são invisíveis para toda sociedade.

Ao utilizar o teatro e a dança, os autores alcançaram notáveis diferenças com as populações, o sentimento de protagonismo, a resiliência, a autoestima, a motivação, a reinvenção de si, a valorização pessoal, o autoconhecimento, o reconhecimento de habilidades e potencialidades pessoais, a superação de obstáculos, a autonomia e mudanças de atitude puderam ser trabalhados pela Terapia Ocupacional.

Três artigos identificaram que o teatro e a dança contribuem para que aspectos cognitivos sejam trabalhados, foram mencionados a memória, atenção, concentração e o pensamento. Mas, ficou nítido que o uso destas ferramentas não se resume a isso, pois a dimensão física, mental, emocional e social também foram afetadas, e resultando em melhoras. Spolin afirma isso quando ela fala que “os Jogos Teatrais são muitas vezes relacionados com uma forma de aprendizagem cognitiva, afetiva, e psicomotora embasada no modelo piagetiano para o desenvolvimento intelectual” (SPOLIN, 2004, p.12).

Em um estudo de Alves, Gontijo e Alves (2013), em algumas das suas intervenções foi possível perceber, “timidez, medo da exposição, dificuldade de tomar iniciativa, brincadeiras violentas, isolamento social, interação social negativa, rejeição do outro, assim como espírito de liderança, euforia e facilidades para o estabelecimento de uma atmosfera lúdica”. (ALVES; GONTIJO; ALVES, 2003, p.331) Segundo Castro e De Melo Silva (2002), as atividades artísticas:

Auxiliam na recomposição de universos de subjetivação e de ressingularização das atividades das pessoas, constituem-se de linguagens que permitem o compartilhar de experiências, o entendimento de concepções de mundos; e, com isso, auxiliam na compreensão de padrões de vivências que precisam ser completadas e integradas plenamente na experiência de vida dos sujeitos. São enriquecedoras das experiências de vida (CASTRO; DE MELOS SILVA, 2002, p.5).

Por fim, entende-se que quando os Terapeutas Ocupacionais trabalham em contexto de vulnerabilidade social com o teatro e a dança, eles percebem que “mediante a experimentação corporal cênica no âmbito da terapia ocupacional, o sujeito percebe-se em sua potência de transformação, criatividade, e capacidade de transcender os limites que se impõe sobre ele”.

(JUSTA; DE HOLANDA, 2012, p.18) gerando resultados sempre positivos, alcançando não só o indivíduo/população que foi trabalhada, mas também o território e a política daquele contexto, pois quando se afeta o indivíduo/população, ela mesma passa a interagir com o território, vivendo diferente, e o mesmo muda a partir dessas novas interações feitas, gerando assim saúde e qualidade de vida para todo o contexto.

A potência de vida em si mesmo: o pulsar de um corpo

Notou-se nesta pesquisa, grande quantidade de artigos que irão tratar do uso das abordagens corporais pelos terapeutas ocupacionais nas suas atuações. Ao todo, foram 10 produções científicas, as populações estudadas foram: adolescentes, adultos, idosos e alunos graduandos de Terapia Ocupacional. Todos os achados são do Estado de São Paulo com exceção de um, do Pará. Os principais campos identificados nessas práticas foram o campo social, saúde mental e educacional. Para entendermos os porquês os Terapeutas Ocupacionais optam pelo trabalho com o corpo e corporeidade, ao decorrer deste texto serão apresentadas algumas perspectivas sobre o tema abordagens corporais.

Arcuri (2004) conceitua corpo como sendo “um sistema biológico, um conjunto de complexos mecanismos fisiológicos, um universo de sensações, de emoções, um disparar a cada instante de doses hormonais, um corpo que tem determinada forma física e que se movimenta pelo espaço” (ARCURI, 2004, p.60).

Liberman (2010) complementa a ideia exposta pela autora acima e adiciona que ele é “como uma arquitetura tissular, geneticamente programada, finita, em permanente construção, pulsando segundo afetos e atravessado por histórias de amor e decepção, aspectos ligados à cultura, sempre no devir, em peregrinação” (LIBERMAN, 2010, p.70).

Os conceitos sobre corpo trazidos nas produções fogem do padrão positivista e reducionista que atualmente está internalizado na sociedade. Em uma visão positivista o que impera é um conceito somente objetivo, de cunho orgânico, sistemático, direcionado para a fisiologia, um conceito tradicionalista que é fruto dos saberes da medicina e de áreas afins.

Lima et al (2009) nos traz um corpo que também é subjetivo, um corpo que se vive e que se sente. É um lugar onde se guarda e que se forma de vivências, sensações, sentimentos, experiências do nosso consciente e do nosso inconsciente. E por ser lugar onde se guarda coisas “é uma fonte de conhecimentos, cujas respostas e formas podem orientar a pessoa

constantemente” (CASTRO et al, 2011, p. 257) como se fosse canais conectores de nós para nós.

“O corpo vibra, produz excitação, contrai-se, quer contato, evita contato, torna-se território de enunciação das experiências, matérias de fabricação de novas vitalidades.” (INFORSATO et al, 2017, p.111) É comum, na nossa sociedade, que os indivíduos não sintam esse corpo como deveriam, não o escutam, não o percebem.

Vive-se um mundo globalizado, em uma sociedade capitalista, onde o acesso a informações são saturantes. E decorrente desse contexto somos constantemente afetados pelo nosso cotidiano, estamos sempre correndo, fazendo inúmeras coisas ao mesmo tempo, nos ocupando de preocupações excessivas, vivendo mais em prol do amanhã do que do hoje. E o nosso corpo? Qual atenção tem sido dada a ele? O que ele tem nos comunicado?

A dissociação corpo-mente é muito grande, e vai gerando um distanciamento de nossa essência. Temos que nos voltar para nossos instintos, nossas necessidades básicas, nossos sentidos primários, nosso ser como um todo, como um mundo. Temos que nos voltar para dentro – nosso corpo, nossa psique, nossas emoções-, e ao mesmo tempo nos perceber como um ser social, ambiental, espiritual (ARCURI, 2004 p.60).

Saito e De Castro (2011) nos trás que o ritmo social mascara nossa percepção para com o nosso corpo, isso irá nos incapacitar a assimilar experiências cotidianas no ritmo que nos é própria. Ela complementa seu pensamento dizendo que a partir de ritmos cada vez mais velozes, nos distanciamos dos ritmos biológicos e dos contatos com a natureza e com outros seres humanos, além de dificultar nossa comunicação e expressão no mundo.

Ao nos distanciamos dos ritmos biológicos, ao permitirmos ser afetados pelo ritmo social, causamos a nós mesmo sofrimentos, sentimentos de desfiliação, de impotência e falta de sentido e a reconexão com nosso corpo nos permite nos proteger deste estado. Um conjunto de sensações que despertam conexões com o corpo chama-se de corporeidade (CASTRO et al, 2011).

Foi identificado que todos os achados dessa pesquisa, quando tratavam do tema agora abordado –trabalhos corporais- traziam práticas a níveis de atendimento grupal através dessa prática se ramificaram dois tipos de ressonâncias: aquelas em que as ressonâncias surgem

pelo estar em grupo; e aquelas que surgem da experiência individual e das afetividades de cada um.

Essa dualidade de ressonâncias caracteriza o diferencial do uso das práticas corporais em grupo. Pois, durante o acontecimento da mesma, temos presente vários corpos, e o encontro não se dá só para o próprio corpo, mas também, do próprio corpo com outros corpos que pertencem a outros indivíduos.

De acordo com Inforsato et al (2017, p.116):

A experiência de múltiplos corpos compondo com um trabalho, abre caminho para muitas trocas e aprendizados de formas coletivas de existir, articulando presenças, proximidades, condições de possibilidades de pertencimento. O saber do corpo se faz presente nas ações, reposiciona modos de funcionamento da subjetividade, mapeia as formas de vida e os acontecimentos do mundo (INFORSATO et al, 2017, p.116).

Muitas foram as reflexões encontradas dos autores a cerca da ressonância dos trabalhos corporais no grupo, eles destacam que essa prática influenciou no convívio social daqueles indivíduos, na comunicação, nas trocas de colaborações e na conexão a redes e coletivos, além disso, alguns autores identificaram que os trabalhos corporais proporcionaram o desenvolvimento da tolerância e da receptividade às novas experiências, e também, a aceitação ao invés dos julgamentos. E isso ocasionou uma pulsação do corpo vivo em consonância com outros corpos, onde todos foram nutridos de afetos e de novas informações de si e do todo.

Agora se tratando de ressonâncias individuais, é entendido nos achados que elas podem ser de diferentes intensidades e constituídas de diferentes formas, tendo como primícias o fato de que “as práticas de consciência corporal permitem que seus praticantes realizem as atividades no tempo que lhes é próprio, mas que desconhecem, porque não o vivenciam no dia a dia.” (SAITO; DE CASTRO, 2011 p.186).

Portanto, nesta esfera individual, o que principalmente ocorre no indivíduo é a redescoberta de si, redescoberta por que o seu corpo não se apresenta a ele pela primeira vez, mas por algum motivo, foi negligenciado. Essa negligencia ocorre quando há a automatização das nossas relações, das nossas ações e do nosso cotidiano, e quando, de repente nossa

atenção volta-se e centra-se ao nosso próprio corpo acabamos por redescobri-lo (SAITO; DE CASTRO, 2011).

Esse redescobrimento propicia ao indivíduo a retomada de percepções não captadas ou esquecidas no desenrolar da sua vida, através desse redescobrimento do corpo percebe-se o mundo a sua volta e apropria da sua potência de vida. E conseqüentemente, há “a possibilidade de descobrir dentro de si, na sua própria experiência corporal, a verdadeira consciência das sensações, resumindo-se em um processo de autoconhecimento e de fornecimentos de subsídios para que [...] cuide melhor de si.” (DA SILVA; GREGORUTT, 2014 p. 140).

Esse autocuidado repercute diretamente ao próprio cotidiano e as relações nele existentes. Novas configurações são inseridas – abrangendo dimensões sociais, psíquicas e biológicas- no cotidiano e com elas o interesse de revitalizar a experiência com o nosso corpo surge, passa-se então vivenciar o autorreconhecimento e autogerenciamento, onde tem a apropriação de si e construção de sentidos para sua ação humana.

O Terapeuta Ocupacional ao intervir nas ocupações humanas, por meio das práticas corporais, pode proporcionar transformações nas populações atendidas, possibilitar construção de novos cotidianos e promover a autonomia, agregando assim mais saúde ao indivíduo.

Os achados desta pesquisa mostrou que os Terapeutas Ocupacionais usam de meios/ técnicas em comuns para trabalhar com as práticas corporais, Castro et al (2011) relata, no seu trabalho, o uso de técnicas de relaxamento, de respiração, trabalhos com toques, métodos de danças, danças circulares, jogos teatrais, improvisações, performances e outras expressões por ela extraídas das artes cênicas.

O trabalhar com o corpo, pelo Terapeuta Ocupacional pode se desenvolver em diferentes características, de contexto, de problemática e de população, pois esse tipo de intervenção contém um dinamismo que empodera o indivíduo a ser protagonista dos resultados e das ressonâncias alcançadas, abrangendo suas várias dimensões (biológicas, culturais, sociais e psíquicas).

Outro tipo de achado, além dos direcionamentos grupais e individuais, foi o uso das práticas corporais para graduandos em Terapia ocupacional. Nesses estudos foi ressaltado o quanto é importante trabalhar com essa perspectiva na graduação, pois ali sairão profissionais

que irão lidar com corpos em todo o tempo, e que através da experimentação em si é possibilitada a ampliação da percepção e sensibilidade para quando houver o contato cliente-profissional.

E com essas experimentações durante a graduação amplia-se assim, o conhecimento sobre o conjunto de expressões e sobre aquilo que é revelado aos clientes, além de possibilitar a descoberta de suas próprias escolhas de movimento, valorizando-as, respeitando e enfrentando assim, suas limitações e preconceitos quanto ao seu corpo (DA SILVA; GREGORUTT, 2014).

Por fim, os achados dessa categoria, apontam que o uso das abordagens corporais na Terapia Ocupacional é um recurso dinâmico e com alto potencial transformador, até mesmo para o próprio terapeuta, sendo útil para situações peculiares, complexas, contextos heterogêneos e de grandes desafios. Salienta-se nos artigos encontrados, para a necessidade do Terapeuta Ocupacional conhecer o contexto que está atuando, a necessidade de delimitar o objetivo que deseja alcançar com essa prática e principalmente o estudo de referências como base e a produção de novos conhecimentos nesse tema.

Concretização do interno: A subjetividade toma forma

Partindo da primícia de Jaffé (1964) que o homem tem a propensão de criar símbolos e de transformar de maneira inconsciente os objetos ou formas em símbolos e dar-lhes expressão, esta última sessão irá discorrer sobre o terceiro tipo de abordagem mais usado pelos Terapeutas Ocupacionais ao se tratar de recursos artísticos, o uso das artes plásticas.

Nessa sessão tiveram 12 artigos ao todo que tratavam de artes plásticas, 10 eram do estado de São Paulo, 1 achado era do estado do Rio de Janeiro e 1 era da Espanha, sendo que 2 escritos estavam na língua espanhola e os demais na língua portuguesa. Houve predomínio de achados da Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo.

Os autores identificaram quais foram os tipos de atividades, dentro das artes plásticas, que foram usadas nas suas práticas. Desenho em papel, pintura em telas, marfeteria, esculturas, xilogravuras, construção de objetos, colagens, painéis, instalações e mosaicos foram as abordagens usadas pelos Terapeutas Ocupacionais nos achados dessa pesquisa. O desenho, a pintura e a escultura foram as atividades mais usadas pelos terapeutas ocupacionais.

Identificamos nos achados, que os trabalhos com artes plásticas visaram assistir ao público adolescente, adulto (na grande maioria) e idoso, através de grupos, e os indivíduos eram cuidados para além da sua saúde.

Para o público adulto, identificou-se assistência voltada as pessoas com transtornos mentais, adultos em situação de rua e com deficiência. Sabendo dessas características, o uso das atividades de artes plásticas teve como objetivos principais nas intervenções com adultos com transtornos mentais:

Identificar, por meio do fazer (atividades), as dificuldades e os desafios de cada paciente, buscando a resolução dessas dificuldades e fazendo com que conseguisse lidar mais efetivamente com conflitos pessoais vividos em outros grupos sociais (como a família, entre os amigos, no ambiente de trabalho, entre outros). Também tinham por objetivo “preparar” os pacientes para a realidade e o convívio em sociedade (como a volta ao trabalho ou à escola) (MONTREZOR, 2013 p. 533).

Em adultos que estavam em situação de rua, o uso de atividades das artes plásticas tiveram como principal objetivo: “possibilitar o protagonismo dos sujeitos, oferecer recursos e motivar a espontaneidade da sua criatividade e subjetividade” (SILVA, 2018, p.498). Se tratando de adultos com alguma deficiência, o objetivo das atividades foi propiciar a autonomia, a motivação, a participação social e o desenvolvimento de habilidades, além disso, De Castro e De Melo Silva (2007) chama atenção para a necessidade específica desse público de:

[...] adaptação e o cuidado com a ambientação e com os espaços; a organização de uma rede de apoio e suporte viabilizando o acesso e a participação; a preocupação com a convivência e com a inclusão da diferença, que, ao mesmo tempo, possa ser reconhecida e respeitada; o desenvolvimento de metodologias flexíveis e de novos métodos educacionais ou de experimentação e criação artística que respeitem a individualidade tanto em sua vontade e escolha como em sua potencialidade e ritmo (DE CASTRO; DE MELO SILVA, 2007, p. 111).

Já para a população idosa, a característica mais evidente são os agravantes decorrentes da idade avançada, como, por exemplo, limitações da funcionalidade ou declínios cognitivos.

O uso de atividades de artes plásticas contribuiu para a melhora da autoestima, o favorecimento de relações pessoais e a significação nas atividades realizadas. Visto que, de acordo com os achados, esses idosos se encontravam em instituições de longa permanência ou em centros de convivências, e muitas vezes estavam em isolamento social, sem perspectiva para suas vidas e com pouca ou nenhuma autonomia.

Com os jovens, foram identificadas situações ainda mais complexas e mistas: “Jovens que haviam passado por situações de adoecimento grave, de miséria ou violência, que apresentavam sofrimento psíquico, deficiência física ou mental” (DE ARAÚJO LIMA et al, 2009, p. 159). Para trabalhar com essas demandas o trabalho com as artes plásticas possibilitou para os jovens “a participação em outros territórios da existência, desencadeando o alargamento do sensível à medida que a sensibilidade entra em contato com a produção em arte; possibilitando várias leituras das formas de fazer estar no mundo” (CASTRO et al, 2011, p. 258).

Portanto, entende-se que recursos advindos das artes plásticas “apresentaram aos participantes o desafio de sustentarem caminhos expressivos. Nesse contexto, ocorreram experiências criativas e artísticas as quais despertaram ‘uma emoção especial’, de encantamento, que pode ser descrita como prazer estético” (CASTRO et al, 2011, p. 258). Evidenciam-se, assim, os Terapeutas Ocupacionais como personagens importantes para servirem como uma força de intermédio, entre esses sujeitos, as suas singularidades e seu protagonismo social.

Conclusão

Por meio da revisão integrativa, observou-se que os Terapeutas Ocupacionais têm aplicado a arte nas suas intervenções, geralmente em atividades em grupos, utilizando diversos referenciais teóricos para embasar sua prática. Esse trabalho possibilitou mostrar que o uso da arte é muito utilizado pelos Terapeutas Ocupacionais e que ela teve muita influência da história da Terapia Ocupacional brasileira na saúde mental, de períodos em que os trabalhos da Nise da Silveira exploraram possibilidades do uso da arte e sua importância para as intervenções atuais.

A arte mostra-se como uma possibilidade de recurso muito dinâmica e de grande aplicabilidade para diferentes contextos, para diferentes públicos e para atender múltiplos objetivos, as suas ressonâncias são evidentes e efetivas para aqueles que têm o contato com esta ferramenta potencializadora. Portanto, os Terapeutas Ocupacionais devem, cada vez

mais, explorar as possibilidades do uso deste recurso, buscando entender e estudar suas bases teóricas aplicando-as nos objetivos que constituem a Terapia Ocupacional.

E mesmo tendo grande quantidade de estudos feitos por Terapeutas Ocupacionais que abordam o uso da arte como recurso terapêutico, grande parte deles não possuem o termo “terapia ocupacional” como palavra-chave e isso enfraquece a visibilidade da Terapia Ocupacional na produção de conhecimento neste campo. Assim, é importante ocupar os espaços que pertencem à Terapia Ocupacional e nos apropriar deles para atingir outros Terapeutas Ocupacionais e profissionais na busca de produção de vida e emancipação das populações atendidas.

Referências

ALVES, I.; GONTIJO, D. T.; ALVES, H. C. Teatro do oprimido e Terapia Ocupacional: uma proposta de intervenção com jovens em situação de vulnerabilidade social/Theater of the oppressed and Occupational Therapy: a proposed action with youth in social vulnerability. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v. 21, n. 2, p. 325, 2013.

ARCURI, I. *Arteterapia de corpo e alma*. casa do psicólogo, 2004.

BOAL, A. *200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. 123 p.

CASTRO, E. D.; SAITO, C. M.; DRUMOND, F. V. F.; DE LIMA, L. J. C. Ateliês de corpo e arte: inventividade, produção estética e participação sociocultural. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 22, n. 3, p. 254-262, 2011.

DA SILVA, M. L.; GREGORUTTI, C. C. Abordagens corporais: recurso transformador na formação do terapeuta ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 25, n. 2, p. 135-141, 2014.

DE ALMEIDA, M. V. M. Arte, loucura e sociedade: ideologias e sensibilidade na terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 5, n. 2, 2010.

DE ARAÚJO LIMA, E. M. F.; CANGUÇU, D. F.; MORAES, C.; INFORSATO, E. A. PACTO adolescentes: arte e corpo na invenção de dispositivos em terapia ocupacional para produção de vida e saúde na adolescência. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 20, n. 3, p. 157-163, 2009

DE CASTRO, E. D.; DE MELO SILVA, D. Atos e fatos de cultura: territórios das práticas, interdisciplinaridade e as ações na interface da arte e promoção da saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 18, n. 3, p. 102-112, 2007.

DE CASTRO, E.; DE MELO SILVA, D. Habitando os campos da arte e da terapia ocupacional: percursos teóricos e reflexões. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 13, n. 1, p. 1-8, 2002.

INFORSATO, E. A.; DE CASTRO, E. D.; BUELAU, R. M.; VALENT, I. U.; DE MORAES, C.; DE ARAUJO LIMA, E. E. F. Arte, corpo, saúde e cultura num território de fazer junto. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 29, n. 2, p. 110-117, 2017.

JAFFÉ, A. *O simbolismo nas artes plásticas*. O homem e seus símbolos, v. 2, p. 312-367, 1964.

JUSTA, F. M. C; DE HOLANDA, I. C. L. C. Teatro com adolescentes em risco social: práticas de promoção da saúde no contexto terapêutico ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 23, n. 1, p. 16-23, 2012.

LIBERMAN, F. Danças em terapia ocupacional. São Paulo, SP: Summus, 1998. 117 p.

LIBERMAN, F. Delicadas Coreografias: Apontamentos sobre o corpo e Procedimentos em uma Terapia Ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 18, n. 1, 2010.

LIMA, E. M. A., INFORSATO, E. A.; DE LIMA, L. J. C.; DE CASTRO, E. D; ARAÚJO. Ação e criação na interface das artes e da saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 20, n. 3, p. 143-148, 2009.

LIMA, E. A. Oficinas, laboratórios, ateliês, grupos de atividades: dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. COSTA, CM; FIGUEIREDO AC *Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania*. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 59-81, 2004.

MONTREZOR, J. B. A Terapia Ocupacional na prática de grupos e oficinas terapêuticas com pacientes de saúde mental/Occupational Therapy in the practice of therapeutic groups and workshops with mental health patients. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 21, n. 3, 2013.

REIS BIANCALANA, G. A presença performativa nas artes da cena e a improvisação. *Revista Brasileira de Estudos da Presença [Brazilian Journal on Presence Studies]*, v. 1, n. 1, 2011.

SAITO, C. M.; DE CASTRO, E. D. Práticas corporais como potência da vida/Bodyworks as power of life. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 19, n. 2, 2011.

SILVA, C. R., SILVESTRINI. M. S.; VON POELLNITZ, J. C.; PRADO, A. C. S. A.; JUNIOR, J. D. L.C. Estratégias criativas e a população em situação de rua: terapia ocupacional, arte, cultura e deslocamentos sensíveis/Creative strategies and homeless people: occupational therapy, art, culture and sensitive displacement. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 26, n. 2, 2018.

SPOLIN, V. *O jogo teatral no livro do diretor*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2004. 151 p.

TOURINHO, L. L.; SILVA, E. L. D. *Dramaturgia do corpo: protocolos de criação das Artes da Cena: dialogos entre artistas*. 2009. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Artes)– Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Agradecimentos:

A Deus pelo dom da vida e pelas oportunidades para mim direcionadas; a Antonio da Silva e Rosângela do Nascimento pelos grandes ensinamentos relacionados a educação; a

Grasielle Paulin pela orientação, pela empatia e pelo ‘sim’; e as professoras Fernanda Rodrigues e Ivone, por despertarem em mim a identificação pela arte.

ANEXO A – TABELA COM OS ACHADOS

ACHADOS DESTA REVISÃO INTEGRATIVA				
	REVISTA	ANO	AUTORES	TÍTULO
1	Rev. de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo / Brasil	2002	Eliane de Castro; Dilma Silva	Habitando os campos da arte e da Terapia Ocupacional: Percursos teóricos e reflexões
2		2003	Ana Maria Cavalcanti; Cristina Loureiro; Eliane Santos; Maria Cristina Amendoeira; Maria Cavalcanti	Pode ser a arte terapêutica? Reflexões a partir do trabalho desenvolvido com pacientes da “terceira idade” no ateliê da vida do Instituto de Psiquiatria da UFRJ – IPUB
3		2006	Nayara Batista; Mara Ribeiro	O uso da música como recurso terapêutico em saúde mental
4		2007	Eliane de Castro; Dilma Silva	Atos e fatos de cultura: territórios das práticas, interdisciplinares e as ações na interface da arte e promoção da saúde.
5		2009	Julio Maluf; Isabela Lopes; Tatiana Bichara; Juliana Silva; Isabela Valent; Renata Buelau; Elizabeth Lima	O Coral Cênico Cidadãos Cantantes: um espaço de encontro entre a música e a saúde
6			Elizabeth Lima; Erika Inforsato; Leonardo de Lima; Eliane de Castro	Ação e criação na interface das artes e da saúde
7			Maria Renata Soares; Eliane de Castro; Erika Inforsato	Cidade adentro, cidade afora: histórias entre Associação Morungaba e PACTO-USP
8			Elizabeth Lima; Daniela Canguçu; Christina Moraes; Erika Inforsatp	PACTO: adolescentes: arte e corpo na invenção de dispositivos em terapia ocupacional para produção de vida e saúde na adolescência
9			Renato Mecca; Eliane de Castro	Epifania do acontecer poético: aspectos da experiência estética na relação sujeito-obra em terapia ocupacional.
10			Renata Buelau; Erika Inforsato; Elizabeth Lima	Exercício de sonhar junto: criatividade e experiências estéticas no acompanhamento de uma criança
11			2011	Eliane de Castro; Cinthia Saito; Fernanda Drumond;

		Leonardo de Lima	participação sociocultural	
12		2012	Francisca Justa; Isabel Holanda	Teatro com adolescentes em risco social; práticas de promoção da saúde no contexto terapêutico ocupacional
13		2014	Meire Silva; Carolina Gregorutti	Abordagens corporais: recurso transformador na formação do terapeuta ocupacional
14		2015	Meire Silva; Thaís Raccioni	Oficina de teatro como recurso terapêutico ocupacional em um serviço residencial terapêutico
15		2016	Christiane Siegmann; Tania Fonseca	Experiências liminares diante da imagem: breves considerações para a Terapia Ocupacional
16	Cad. de Terapia Ocupacional da UFSCar / Brasil	2012	Marcus Almeida	Arte. Loucura e sociedade: ideologias e sensibilidade na terapia ocupacional
17		2011	Elizabeth Lima; Erika Inforsato; Mariângela Quarentei; Patrícia Dorneles; Eliane de Castro	PACTO: 10 anos de ações na interface arte e saúde e suas ressonâncias no campo profissional
18			Cinthia Saito; Eliane de Castro	Práticas corporais como potência da vida
19		2013	Eliane de Castro; Gisele Asanuma; Naiada Barbosa; Maria Isabel Ghirardi	Agenciamentos coletivos na experimentação do PACTO Trabalho
20			Janaina Montrezor	A Terapia Ocupacional na prática de grupos e oficinas com pacientes de saúde mental
21			Izabela Alves; Daniela Contijo; Heliana Alves	Teatro do oprimido e Terapia Ocupacional: uma proposta de intervenção com jovens em situação de vulnerabilidade social
22			2014	Ana Tereza Galvanese; Sylvio Coutinho; Erika Inforsato; Elizabeth Lima
23		2016	Eliane de Castro; Erika Inforsato; Renata Buelau; Isabela Valent; Elizabeth Lima	Território e diversidade; trajetórias da terapia ocupacional em experiências de arte e cultura.

24			Carla Silva; Isadora Cardinalli; Marina Silvestrini; Aline Farias; Débora Teixeira; Ana Carolina Prado; Leticia Ambrósio; Rúbia da Mota; Caio Ishido; Marco Mancini	Juventude, cultura e profissionalização da criatividade
25			Beatriz Takeiti; Maria Cristina Vicentin	Jovens (en)cena: arte, cultura e território
26			Miriam Rivas; Daniela Aising; Roberto Droguett	Auoetnografía: el teatro como herramienta terapêutica para niños y niñas de una Escuela Hospitalaria
27		2018	Carla Silva; Marina Silvestrini; Jéssica Poellnitz; Ana Caroline Prado; Jaime Junior	Estratégias criativas e a população em situação de rua: terapia ocupacional, arte, cultura e deslocamentos sensíveis
28			Débora Folha; Emmanuelle Araújo; Jéssica de Carmo	Incorporar e adolecer: o pulsar de um corpo em metamorfose e suas repercussões ocupacionais
29	Rev. Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional / Brasil	2018	Flavia Liberman; Renata Mecca; Fernanda Carneiro	Arte, corpo e terapia ocupacional: Experimentações inventivas
30	Rev. Subjetividades / Brasil	2016	Meire da Silva; Thais Raccioni; Késia de Melo	Experiências estético-terapêuticas em terapia ocupacioanl
31	Rev. Interface – Comunicação, Saúde, Educação /Brasil	2006	Elizabeth Lima	Por uma arte menor: ressonâncias entre arte, clínica e loucura na contemporaneidade
32		2014	Maria Cecília Corrêa	Oficina Terapêutica de Mosaico de Papel: o lugar da materialidade no campo da Terapia Ocupacional.
33	Rev. História, Ciências, Saúde-Manguinhos / Brasil	2007	Elizabeth Lima	Arte, clínica e loucura: um território em mutação
34	Rev. de Psicologia / Brasil	2017	Erika Inforsato; Eliane de Castro; Renata Buelau; Isabela Valent; Christiana Silva; Elizabeth Lima	Arte, corpo, saúde e cultura num território de fazer junto
35	European Journal of Cancer Care / Reino	2017	Mische Lawson; Cline J; French. A; Ismael N	Patient perceptions of a 1-h art-making experience during blood and

	Unido			marrow transplant treatment
36	Rev. Argentina de Terapia Ocupacional / Argentina	2017	Claudia Carvalho; Monica Villaça; Patrícia Lucif; Janaína Nascimento; Carolina Rebellato; Mariana Fonseca; Paloma Vieira; Suelen Pinho	Personas mayores socialmente vulnerables y terapia ocupacional; reflexiones sobre una práctica
37	Rev. de Terapia Ocupacional Galicia / Espanha	2012	Daniela Carleto; Ana Cláudia Bredariol; Carolina Côrtes; Fernanda Ribeiro; Ruth Guerra; Romina Agostini	El poder del ritmo: Uma estratégia de empoderamiento ocupacional
38		2007	Salvador Algado; Álvaro Restrepo; José Amaya	El colégio del cuerpo: la danza como lenguaje de justicia ocupacional
39		2014	Elena Sanz	Uma experiência terapêutica del uso del teatro em salud mental
40		2016	Aurora Naranjo	El teatro como herramienta terapêutica para contribuis al desarrollo de las relaciones interpersonales em las personas mayores institucionalizadas. Prueba Piloto
41		2017	Judit Rodriguez; Maria Ballón; Anna Aribau	Motivos, efectos y beneficios terapêuticos de la actividad de hacer punto: Uma revisión de la literatura

ANEXO B – Normas Para Publicação

Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar. Acesse diretrizes para autores:

<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/about/submissions#authorGuidelines>



Diretrizes para Autores

APRESENTAÇÃO DOS ORIGINAIS

Os originais devem ser encaminhados aos *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/Brazilian Journal of Occupational Therapy* por meio eletrônico no site: www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br

Adota-se o processo de revisão por pares double-blind review (anônimo para os revisores e para os autores). Os textos são submetidos on-line e, se de acordo com as normas de publicação, são encaminhados a um dos Editores de Seção para uma avaliação inicial.

Aprecia-se, nesta fase, a pertinência da submissão ao escopo da revista e, dentre outros aspectos formais considerados, destacam-se a relevância e originalidade do tema e a adequação e densidade da abordagem teórico-metodológica utilizada. Apenas textos aprovados nesta etapa serão encaminhados para as próximas etapas de avaliação de mérito. Os textos não aprovados nesta fase serão encaminhados pelos Editores de Seção ao Editor-Chefe para finalização do processo.

Se aprovado na avaliação inicial pelo Editor de Seção, este indicará dois revisores ad hoc, de acordo com a temática da pesquisa, os quais deverão emitir, no prazo de 30 dias, um parecer com a análise do texto e com a indicação de revisão, aceite ou não para publicação, segundo os critérios de relevância do conteúdo, consistência argumentativa, coerência teórica e metodológica, adequação estrutural e contribuições para o avanço do conhecimento na área.

Os textos que entrarem em avaliação por pares, após o processo de revisão, serão encaminhados aos autores com a decisão editorial, indicando revisões requeridas e/ou decisão final de aceite e/ou recusa. No caso de revisões requeridas, os textos serão devolvidos aos autores para adequações e uma nova rodada de avaliação será solicitada aos Editores de Seção e/ou aos revisores ad hoc.

Cumprida a etapa de análise pelos revisores ad hoc e Editores de Seção, o Editor-Chefe emitirá o parecer final (no qual o anonimato dos revisores é preservado) e que será expresso da seguinte maneira:

1. Aceito para Publicação: O trabalho é aceito integralmente para publicação em um dos próximos números do periódico, segundo critério cronológico de conclusão do processo de análise.
2. Revisões Requeridas: As modificações deverão ser realizadas pelo autor, que receberá o parecer com as referidas recomendações, devolvendo o trabalho reformulado no prazo estipulado e com as alterações realizadas marcadas em cor distinta para conferência. No caso de grande número de alterações solicitadas, o artigo será reencaminhado aos Editores de Seção e/ou revisores ad hoc, após a adequação pelo autor, para nova análise, podendo vir a ser aceito ou recusado.
3. Recusado: Recusa da publicação, com a devida justificativa dada pelo Editor-Chefe, tomando como referência a análise de cada um dos revisores ad hoc, a qual é repassada aos autores, preservando-se a identidade dos revisores.

Todos os pareceres elaborados serão de conhecimento dos autores, revisores ad hoc e Editores de Seção.

Caso o autor discorde do parecer recebido, poderá solicitar revisão à Editoria da revista, que, caso avalie como cabível a revisão, encaminhará a solicitação aos mesmos revisores e Editores de Seção, ou, a depender do caso, solicitará avaliação de outro revisor ad hoc.

FORMATO

Textos em português, inglês ou espanhol, digitados em arquivo do programa Microsoft Word 2007 ou posterior, papel tamanho A4, margens de 2,5 cm, espaço 1,5, letra Times New Roman 12. Todos os parágrafos devem começar na coluna 1, sem tabulação.

Os textos submetidos deverão atender aos critérios de estruturação para a sua apresentação e estarem de acordo com as diretrizes apontadas a seguir. É sugerido aos autores que façam um *checklist* quanto à estrutura do texto antes de submetê-lo ao periódico. Os textos que não atenderem aos itens mencionados serão devolvidos aos autores para adequação anteriormente à avaliação pelos Editores de Seção. Seguem abaixo as diretrizes para elaboração da: 1) Folha de Rosto e 2) Estrutura do Texto.

1. Folha de rosto

Abrange as seguintes informações: título, autores, contato do autor responsável e/ou de correspondência (endereço institucional) e fonte de financiamento.

Título: Conciso e informativo. Em português e inglês. Quando o texto for apresentado em espanhol, o título deve ser apresentado nos três idiomas (espanhol, português e inglês).

Informar, em nota de rodapé, se o material é parte de pesquisa e/ou intervenção.

No caso de pesquisas envolvendo seres humanos, indicar se os procedimentos éticos vigentes foram cumpridos. No caso de análise de intervenções, indicar se todos os procedimentos éticos necessários foram realizados. Informar, ainda, se o texto já foi apresentado em congressos, seminários, simpósios ou similares.

Autores: Nome completo e endereço eletrônico do(s) autor(es). Informar maior grau acadêmico, cargo e afiliação institucional de cada autor (instituição, cidade, unidade da federação, país). O periódico aceita que sejam até cinco os autores do texto. Em casos devidamente justificados, um número maior de autores poderá ser aceito pelos Editores-Chefes.

Contato: Indicar autor responsável pela comunicação com a revista. Nome completo, endereço institucional (instituição, rua, CEP, cidade, unidade da federação, país), endereço eletrônico e telefone para contato.

Fonte de Financiamento: Os autores deverão informar se o trabalho recebeu ou não financiamento.

Agradecimentos: Se houver, devem vir ao final das referências.

Contribuição dos Autores: Os autores devem definir a contribuição efetiva de cada um no trabalho. Indicar qual a colaboração de cada autor com relação ao material enviado (i.e.: concepção do texto, organização de fontes e/ou análises, redação do texto, revisão etc.).

Os autores deverão dispor em nota de rodapé a afirmação de que a contribuição é original e inédita e que o texto não está sendo avaliado para publicação por outra revista.

2. Estrutura do Texto

Resumo e Abstract: Devem refletir os aspectos fundamentais dos trabalhos, com no mínimo 150 palavras e, no máximo, 250. Preferencialmente, adotar explicitação da estrutura do trabalho, com colocação de subtítulos (Introdução, Objetivos, Método, Resultados e Conclusão). Devem preceder o texto e estar em português e inglês.

Palavras-chave: De três a seis, em língua portuguesa e inglesa, apresentadas após o resumo e após o abstract, respectivamente. As palavras-chave deverão vir separadas por vírgulas. Consulte o DeCS (Descritores em Ciências da Saúde – <http://decs.bvs.br>) e/ou o Sociological Abstracts.

Tabelas: Devem estar citadas no texto através de numeração crescente (ex.: tabela 1, tabela 2, tabela 3) e apresentar legenda numerada correspondente à sua citação. As tabelas deverão ser apresentadas em formato editável (indica-se, preferencialmente, o uso do programa Microsoft Word 2007 ou posterior para preparação e envio das tabelas em formato .doc). Tabelas devem estar também devidamente identificadas e em escala de cinza. As tabelas devem estar inseridas no texto, em formato editável, e não ao final do documento ou na forma de anexos.

Figuras: As figuras (diagramas, gráficos, quadros, imagens e fotografias) devem ser fornecidas em alta resolução (300 dpi), em JPG ou TIF, coloridas e em preto e branco, e devem estar perfeitamente legíveis. Toda figura deve estar citada no texto através de numeração crescente (ex.: figura 1, figura 2, figura 3) e deve apresentar legenda numerada correspondente. As figuras devem ser encaminhadas como documentação suplementar, em arquivos separados e com a respectiva legenda. Todo diagrama, gráfico, quadros, imagem e/ou fotografia deve ser nomeado(a) como figura.

Os textos podem apresentar no máximo cinco figuras e/ou tabelas.

Citações e Referências

Citações no texto: Quando o nome do autor estiver incluído na sentença, deve estar grafado com as iniciais maiúsculas e com a indicação da data. Ex: Segundo Silva (2009), [...]. Se o nome do autor vir entre parênteses, esse deve estar grafado em letras maiúsculas. Quando houver mais de um autor, os nomes devem estar separados por ponto e vírgula. Ex: (SILVA; SANTOS, 2010). Se os autores estiverem incluídos no corpo do texto/sentença, os nomes deverão vir separados pela letra "e". Ex: Segundo Amarantes e Gomes (2003); Lima, Andrade e Costa (1999). Quando existirem mais de três autores em citações dentro ou fora dos parênteses, deve-se apresentar o primeiro autor seguido da expressão "et al.". Toda a bibliografia utilizada e citada no texto deverá, obrigatoriamente, estar na lista de referências, assim como toda a lista de referências deverá estar citada no texto.

As citações diretas (transcrição textual de parte da obra do autor consultado) com menos de três linhas devem ser inseridas no corpo do texto entre aspas duplas; as citações diretas com mais de três linhas devem ser destacadas do texto com recuo de 4 cm da margem esquerda, com o tamanho da fonte um ponto menor que o da fonte utilizada no texto e sem aspas (nesses casos, é necessário especificar na citação a(s) página(s) da fonte consultada).

Referências: Os autores são responsáveis pela exatidão das referências citadas no texto. As referências deverão seguir as normas da ABNT NBR 6023/2002. Ao final do trabalho, as referências devem ser apresentadas e ordenadas alfabeticamente, conforme os exemplos:

- **Livro:**

CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. *Terapia ocupacional: fundamentação & prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

- **Capítulo de livro:**

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A.; BRUNELLO, M. I. B. Atividades humanas e terapia ocupacional. In: DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. *Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexus, 2001. p. 41-59.

- **Artigo de periódico:**

LOPES, R. E. Terapia ocupacional em São Paulo: um percurso singular e geral. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 12, n. 2, p. 75-88, 2004.

- **Tese:**

MEDEIROS, M. H. R. *A reforma da atenção ao doente mental em Campinas: um espaço para a terapia ocupacional*. 2004. 202 f. Tese (Doutorado em Saúde Mental) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

- **Documentos eletrônicos:**

Registro de ensaios clínicos

O periódico *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional* // *Brazilian Journal of Occupational Therapy* apoia as políticas para registro de ensaios clínicos da *Organização Mundial da Saúde* – OMS e do *International Committee of Medical Journal Editors* – ICMJE, reconhecendo a importância dessas iniciativas para o registro e divulgação internacional de informação sobre estudos clínicos em acesso aberto. Sendo assim, quando se tratar de pesquisa clínica, somente serão aceitos para publicação os artigos que tenham recebido um número de identificação em um dos Registros de Ensaios Clínicos validados pelos critérios estabelecidos pela OMS e ICMJE, cujos endereços estão disponíveis no site do ICMJE (http://www.icmje.org/faq_clinical.html). O número de identificação deverá ser registrado ao final do resumo.

Revisão Ortográfica

Após a fase de apreciação, os textos aprovados serão submetidos à revisão de língua portuguesa (todo o texto) e inglesa (versão do título, das palavras-chave e do resumo), sendo que os autores deverão arcar com o custo desse trabalho, no valor de R\$220,00/texto.

Justifica-se a elaboração de revisão ortográfica para a garantia da habilidade de comunicação escrita dos textos a serem publicados e a sua leitura pelo público nacional e internacional.

Condições de Submissão

Não há cobrança de taxa de submissão.

É de responsabilidade dos autores a conferência de todas as normas especificadas.

Quando o artigo estiver aprovado, os autores deverão pagar a taxa de publicação no valor de R\$130,00, a fim de contribuir parcialmente com os custos de editoração científica.

Na ocasião do início do processo de publicação, os autores deverão pagar a taxa de R\$220,00 referente à revisão de português e de inglês (especificamente título e abstract).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Cidades@*: São Carlos. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 21 jun. 2008.

Os pagamentos deverão ser feitos pela conta FAI - Cadernos de Terapia Ocupacional - Banco do Brasil - Ag: 1888-0, C.C.: 5996-X, Código Identificador: 6335-5, CNPJ: 66.991.647/0001-30

Enviar comprovante de depósito, juntamente com a identificação do artigo, para: cadto@ufscar.br

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita e não está sendo avaliada para publicação por outra revista;
2. O arquivo da submissão está formatado, apenas, pelo programa Microsoft Word 2007 ou posterior e os trabalhos enviados à revista em formato .doc editável;
3. URLs para as referências foram informadas quando possível;
4. O texto está em espaço 1,5; usa fonte Times New Roman tamanho 12; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as tabelas estão no corpo do texto e não ao final do texto ou como anexos, já as figuras estão em documentação suplementar e não corpo do texto;
5. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em **Diretrizes para Autores**, na página Sobre a Revista;
6. Todas as referências seguem as instruções e modelos apresentados;
7. Não há identificação no corpo do texto que comprometa a Avaliação Cega por Pares.

Declaração de Direito Autoral

No momento da submissão do texto, os autores devem encaminhar a Declaração de Responsabilidade, Conflito de Interesse e Concordância com termos de Licença de Publicação, segundo modelos abaixo, assinada por todos os autores.

Declaração de Responsabilidade e Concordância com Licença de Publicação

Título do trabalho:

Certifico que participei da concepção do trabalho para tornar pública minha responsabilidade pelo seu conteúdo, bem como que apresentei as informações pertinentes sobre as fontes de recursos recebidos para o desenvolvimento da pesquisa. Afirmo não haver quaisquer ligações ou acordos entre os autores e fontes de financiamento que caracterizem conflito de interesse real, potencial ou aparente que possa ter afetado os resultados desse trabalho.

Certifico que quando a pesquisa envolveu experimentos com seres humanos houve apreciação e aprovação de Comitê de Ética de instituição pertinente e que a divulgação de imagens foi autorizada, assumindo inteira responsabilidade pela mesma.

Certifico que o texto é original e que o trabalho, em parte ou na íntegra, ou qualquer outro material de minha autoria com conteúdo substancialmente similar, não foi enviado a outro periódico, no formato impresso ou eletrônico.

Atesto que, se solicitado, fornecerei ou cooperarei totalmente na obtenção e fornecimento de dados sobre os quais o texto está baseado, para exame dos editores.

Nome completo do(s) autor(es) e assinatura:

Termo de Concordância com Licença de Acesso Aberto

Os Autores deverão enviar o Termo de Concordância com Licença de Acesso Aberto assinado (por todos), conforme o modelo abaixo:

O periódico *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/Brazilian Journal of Occupational Therapy* é publicado conforme o modelo de Acesso Aberto e optante dos termos da licença *Creative Commons Attribution (CC-BY)*, disponível em <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>.

Nós, Autores do artigo "TÍTULO" abaixo assinados, declaramos que lemos e concordamos com os termos da licença acima.

Nome completo do(s) autor(es) e assinatura:

Nome completo

Data

Assinatura

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/Brazilian Journal of Occupational Therapy

ISSN: 2526-8910

Universidade Federal de São Carlos

Rodovia Washington Luis, km 235, Caixa Postal 676, Cep 13.565.905, São Carlos - SP, Brazil

Phone: +55(16)3351-8649. E-mail: cadto@ufscar.br